

A pluralidade marginal: um breve estudo sobre as figurações do termo marginalidade no novo panorama cultural brasileiro

Idemburgo Pereira Frazão¹
Patrice Moraes Paes Leme²

Resumo

O objetivo desse estudo é refletir sobre a relação entre marginalidade e cultura. O foco é ressaltar que o significado de marginal vai além do descumprimento às leis. Ou seja, tudo aquilo que está fora do centro de um determinado sistema, que está às margens, possui caráter de marginal. Há dois acontecimentos que exemplificam essa relação: a geração mimeógrafo da década de 70 e o surgimento de novas tendências contemporâneas a partir dos avanços tecnológicos, com foco em uma literatura marginal, que tem servido de base para estudos da atual formação cultural brasileira. Os estudos em relação à marginalidade têm, inclusive, alimentado novas teorias a respeito da tese da dialética da malandragem elaborada pelo crítico Antônio Cândido. Essa hipótese, que tem sido conhecida como dialética da marginalidade – nomeada pelo crítico João César de Castro Rocha -, surge para dialogar com a primeira a respeito da imagem do brasileiro perante as adversidades. Valorizar essa cultura marginal é apenas o começo para a consolidação das inúmeras identidades que formam o panorama cultural do Brasil.

Palavras-chave: Marginalidade; Cultura; Identidade.

Abstract

The aim of this study is to reflect on the relationship between marginality and culture. The focus is to emphasize that the marginal significance goes beyond breach the laws. So, everything that is outside the center of a system, which is on the margins, has a marginal character. There are two events that exemplify this relationship: mimeograph generation of the 70's and the emergence of new contemporary trends from technological advances, focusing on a marginal literature, which has been the basis for studies of the current Brazilian cultural formation. Studies regarding marginality have even fueled new theories about the thesis of the dialectic of the malandroism elaborated by the critic Antônio Cândido. This hypothesis, which has been known as dialectic of the marginality - named by the critic João César de Castro Rocha, comes to dialogue with the first hypothesis about the Brazilian's image in the face of adversity. Valorize this marginal culture is just the beginning for the consolidation of the many identities that form the cultural panorama of Brazil.

Keywords: Marginality; Culture; Identity.

¹ Professor do programa em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio. E-mail: idfrazao@uol.com.br

² Bolsista (FUNADESP) no Projeto de Iniciação Científica da Unigranrio.

Introdução

Este estudo pretende discutir de forma objetiva a presença da palavra marginalidade e suas derivações na cultura brasileira, além de sua relação com a formação da identidade social. A proposta é esclarecer e exemplificar os diferentes conceitos sobre esse termo em dois momentos cruciais: a geração poética da década de 70 e a cultura marginal ainda em desenvolvimento.³ De forma comparativa ou até mesmo evolutiva, esses momentos marcam uma possível mudança no estereótipo, ou melhor, na imagem cultural brasileira. O assunto tem sido frequentemente discutido nas universidades, em congressos pelo país e até mesmo no exterior por artistas, críticos e especialistas da área.

As obras produzidas distantes dos centros urbanos ainda encontram certa resistência no mercado de consumo elitista. Entretanto, o avanço da tecnologia surge como grande aliado na propagação e elaboração dessas produções culturais. O “marginal” vem conquistando o seu próprio meio de expressão cultural, independente da Academia e de instituições governamentais. A valorização da diversidade cultural e o reconhecimento de um espaço marcado pelas diferenças representam uma grande transformação contemporânea.

Marginalidade

Um único termo pode gerar diferentes efeitos em um texto. De fato, estar atento à polissemia das palavras é algo indispensável para a compreensão da mensagem que está sendo transmitida. Desmitificar um conceito que está enraizado em uma sociedade nem sempre é uma tarefa fácil. É o caso da palavra-chave desse estudo. O sentido pejorativo do termo marginal, que imediatamente é associado a esse signo linguístico, causa estranheza ao leitor mergulhado no mundo do senso comum. Sendo assim, a literatura deve preocupar-se, antes de tudo, em romper essa fronteira de forma a ampliar o conhecimento.

A presença da palavra marginalidade na literatura brasileira não é algo novo, seja em caráter social, político ou econômico. Entretanto, há dois momentos que

³ Este artigo se insere entre as atividades do “Projeto Literatura e Marginalidades”, pelo Prof. Dr. Idemburgo Frazão (Bolsa PROPESQ – FUNADESP/UNIGRANRIO)

merecem ser estudados atenciosamente, justamente pelo fato de colocarem em prática a discussão de outros valores para essa palavra e suas derivações. O surto de poesia ocorrido durante a década de 70, juntamente com o clima pós-tropicalista deu início a essa questão. Desde então, mesmo que timidamente, um novo olhar, uma nova perspectiva foi projetada para o tema. Há também um segundo momento com novas tendências culturais (principalmente uma literatura marginal) marcadas pelo avanço tecnológico, que tem proporcionado inclusive, um processo de revisão do estereótipo cultural brasileiro. Fenômeno que foi denominado de dialética da marginalidade pelo crítico e ensaísta João César de Castro Rocha, e que hoje norteia os recentes estudos da cultura contemporânea.

Voltando ao conceito do termo marginal, seu uso não deveria ser restrito ao sentido depreciativo dos indivíduos que se opõem às leis. Tudo o que é relativo à margem, que se encontra à beira ou no limite de algo, tem caráter de marginal, assim como a margem do papel ou de um rio. Com o tempo, esse conceito foi ganhando suas particularidades e especificações. Uma escrita às margens de uma folha era interpretada como de pouca importância ou pouco valor. E logo o adjetivo alcançou a esfera de qualificação de um indivíduo. Para uma comunidade, estar à margem é estar fora da organização de um determinado sistema social, o que ao mesmo tempo, não está relacionado a atitudes e pensamentos criminosos.

[A palavra marginal] Veio emprestada das ciências sociais, onde era apenas um termo técnico para especificar o indivíduo que vive entre duas culturas em conflito, ou que tendo-se libertado de uma cultura, não se integrou de todo em outra, ficando à margem das duas. [...] Marginal é simplesmente o adjetivo para qualificar o trabalho de determinados artistas, também chamados independentes ou alternativos. (MATTOSO, 1982, p. 7-8)

A etimologia das palavras nos ajuda a entender um pouco mais sobre essas nomenclaturas peculiares. Os tipos ditos marginais poderiam ser nomeados simplesmente como excêntricos, uma vez que esse adjetivo indica a qualidade daquele que se desvia ou se afasta do centro, ou seja, está à margem de algo. Contudo, logo esbarraríamos novamente na natureza polissêmica da palavra, que foi reduzida pelo senso comum, de considerar *ex-cêntrico* tudo o que é esquisito ou extravagante. Termo que poderia também causar uma interpretação dúbia literária.

Sendo assim, esse estudo propõe aprofundar-se nessas especificidades que a literatura demonstrou ao longo do tempo, a fim de esclarecê-las, aproximá-las ou distanciá-las.

Marginalidade na década de 70 – Geração Mimeógrafo.

Após um fim de década conturbado política e culturalmente para o Brasil, o início dos anos 70 registrou uma forte tendência de renovação na poesia. Na prática, política e literatura muitas vezes se misturam. Toda cultura reflete uma sociedade, seus costumes e ideologias. Por isso, ao longo desse estudo, será possível verificar também de que maneira esse movimento literário foi formado e que hoje se encontra amplamente explorado por inúmeros críticos e estudiosos da área acadêmica.

Há diversos aspectos que precisam ser analisados para demonstrar e reafirmar a importância desse movimento e sua relação com o objetivo central desta análise sobre a marginalidade e suas formas de expressão. Aspectos como: as circunstâncias que acompanham esse período, suas características e seu diferencial na produção poética e social.

Entender um pouco os acontecimentos da década de 60 é fundamental para compreender os desdobramentos dos anos seguintes, onde surgiu nosso movimento em foco. O golpe de Estado de 1964 e a instalação do regime militar influenciaram diretamente a produção cultural do país. A explosão tropicalista, a força do sistema televisivo e do cinema, a presença de um mercado fonográfico e uma atmosfera eufórica da consolidação do “milagre econômico brasileiro” – que atraía capital internacional e conseqüentemente criava certa dependência – são marcas dessa época.

Entretanto, há um evento que precisa ser destacado: a intervenção do Estado não ocorreu somente em forma de violenta censura, mas também na implantação de patrocínios para o desenvolvimento da produção cultural, com a finalidade de atender às exigências do mercado, principalmente internacional. Investimentos para o cinema, teatro, shows, entre outros, foram realizados. Dessa forma, entre os artistas, surge o compromisso de desenvolver seu ofício de forma a atender as exigências do regime, sem espaço para a circulação de obras com natureza crítica. Em suma, “sem dúvida, a produção cultural durante os anos da ditadura foi marcada pelo clima de

censura e repressão, de vigilância permanente, dirigida principalmente contra o pensamento crítico e inovador que não se submetia à ideologia dominante.” (HABERT, 2006, p.74).

Apesar da existência de várias políticas culturais naquele momento, essa relação entre governo e intelectuais naturalmente não ocorria de forma cortês. Dessa maneira, segundo Heloisa Buarque de Hollanda, “Frente ao bloqueio sistemático das editoras, um circuito paralelo de produção e distribuição independente vai se formando e conquistando um público jovem, que não se confunde com o antigo leitor de poesia.” (HOLLANDA, 2007, p. 9). Esse circuito paralelo e independente realiza a produção e distribuição de sua poesia nas universidades, portas de cinemas, bares e teatros. Com poucos recursos, essas obras possuíam poucas tiragens e muitas vezes eram mimeografadas. Essa independência representa, segundo Heloisa, uma subversão de relações estabelecidas para a produção cultural, que “aparecem como uma alternativa, ainda que um tanto restrita, à cultura oficial e a produção oficial e à produção engajada vendida pelas grandes empresas.” (HOLLANDA, 2004, p. 107). Mesmo sendo restrita, tendo o Rio de Janeiro como seu principal centro de disseminação, consegue atingir o público que possuía difícil acesso ao sistema editorial.

Cacaso (Antônio Carlos de Brito), Chacal (Ricardo de Carvalho) e Ana Cristina Cesar (Ana C.) são apenas alguns dos poetas marcantes dessa geração. O mercado de produção alternativo proporciona também uma proximidade entre o poeta e o público, diferentemente do que ocorria com o mercado editorial oficial, tornando a literatura mais humana. As poesias marginais inovam ao realizar registros do dia a dia e criam um sentimento de valorização da vida. Como retratado por Heloisa em sua antologia *26 poetas hoje*: “o flash cotidiano e o corriqueiro muitas vezes irrompem no poema quase em estado bruto e parecem predominar sobre a elaboração literária da matéria vivenciada” (HOLLANDA, 2007, p.11).

Utilizando uma linguagem mais coloquial, a poesia marginal conquistou o público jovem, agradando a gostos cultos e populares. “A presença de uma linguagem informal, à primeira vista fácil, leve e engraçada e que fala da experiência vivida contribui ainda para encurtar a distância que separa o poeta e o leitor.” (HOLLANDA, 2007, p. 10). Em uma análise mais profunda, essa poesia seria um registro consolidado da mais rica proposta do Modernismo da geração de 22. Apenas para

ilustrar esses elementos, abaixo segue transcrição de um poema de Ana C. Cesar que consta da antologia supracitada:

Simulacro de uma solidão
30 de agosto

Hoje roí cinco unhas até o sabugo e encontrei no cinema, vendo Charles Chaplin e rindo às gargalhadas, de chinelos de couro, um menino claro. Usei a toalha alheia e fui ao ginecologista. (HOLLANDA, 2007, p. 139)

Um leitor preso às formas clássicas da literatura talvez se admire ou espante com a estrutura apresentada. Entretanto, nessas poucas linhas, podemos verificar como o cotidiano passou a fazer parte da poesia. Para começar, a obra de Ana C. Cesar é ricamente composta por fragmentos de cadernos de viagens, diários, cartas fictícias, em textos que muitas vezes misturavam prosas e poesias. Percebe-se, no texto acima, que nada de extraordinário aconteceu naquele dia, e sim fatos comuns rotineiros e fragmentados: ir ao médico, roer as unhas, risadas ao ver um filme, coisas simples que acontecem com várias pessoas a qualquer momento e em qualquer lugar. Somada ao uso da linguagem coloquial, dão um tom de narrativa à obra. A literatura passa a ser confundida com a vida. “A mudança fundamental vai estar na valorização do presente, do aqui e agora. A ideia de Futuro [...] perde prestígio.” (HOLLANDA, 2004, p. 111).

Apesar de promoverem um circuito de produção alternativo, que funcionava como uma resposta política ao sistema dominante, os poetas dessa geração não possuíam um posicionamento engajado. Na verdade, o rótulo de marginais foi concedido pelos intelectuais da época, e não uma bandeira levantada pelos próprios poetas. Pelo contrário, o rótulo chegou a ser ironizado pelos versos de Chacal, no livro *Quamperios* de 1977:

ALÔ, É QUAMPA?
- não... é engano.
- alô, é quampa?
- não, é do bar patamar.
- alô, é quampa?
- é ele mesmo. quem tá falando?
- é o foca mota da pesquisa do jota brasil. gostaria de saber suas impressões sobre essa tal de poesia marginal.

- ahhh... a poesia. a poesia é magistral. mas marginal pra mim é novidade. você que é bem informado, mi diga: a poesia matou alguém, andou roubando, aplicou algum cheque frio, jogou alguma bomba no senado?
- que eu saiba não. mas eu acho que é em relação ao conteúdo.
- mas isso não é novidade. desde adão... ou você acha que alguém perde o paraíso e fica calado, nem o antônio.
- é verdade. mas deve haver algum motivo pra todos chamarem essa poesia de marginal.
- qual, essa!? eu tou achando até bem comportada. sem palavrão, sem política, sem atentado à moral cristã.
- não. não to falando desse que se lê aqui. tô falando dessa outra que virou moda.
- ahhh.... dessa eu não tou sabendo. ando meio barro -bosta por isso tenho ficado quieto em casa. rompi meu retiro pra atender esse telefone. e já que ti dei algumas impressões você vai mi trazer as seguintes ervas pra curar meus dissabores: manacá carobinha jurubeba picão da praia amor do campo malva e salsaparrilha. até já foca mota. (CHACAL, 2007, p.293).

Na poesia acima, mais uma vez, podemos verificar a presença de uma linguagem coloquial (indicada pelas abreviações e onomatopeias: pra, tou, ahhh...) e, ao mesmo tempo, irônica a respeito do título de marginal, como no verso: “mas marginal pra mim é novidade. você que é bem informado, mi diga: a poesia matou alguém, andou roubando, aplicou algum cheque frio, jogou alguma bomba no senado?” Ironia causada pela polissemia da palavra marginal.

Vista à maneira como essa geração foi formada e sua consolidação, pode-se entender melhor o termo marginal usado para designar a produção poética desse período. Essa é a irônica reflexão proposta no poema de Chacal visto acima. Questionamentos do tipo: até que ponto ou em qual sentido a produção cultural desse momento pode ser considerada como marginal. A geração mimeógrafo surge para romper com os conceitos pré-estabelecidos e mostrar que há literatura, há cultura, e muita poesia além do centro onde brilham os holofotes.

Marginalidade na era da tecnologia

Continuando o estudo sobre marginalidade e seus desdobramentos, um segundo evento merece destaque, principalmente por estar relacionado à cultura brasileira contemporânea de forma abrangente. Um novo movimento, fenômeno, geração – não se sabe ainda ao certo como denominá-lo – tem chamado a atenção da crítica nos últimos tempos e aos poucos alcançando espaço nos estudos literários.

Definir uma nomenclatura para uma produção cultural ainda em desenvolvimento poderia gerar um valor impreciso. Esta questão caberá aos nossos futuros críticos literários e estudiosos. Entretanto, o surgimento e a formação de novas tendências e produtos culturais despertam a necessidade ou desejo de melhor compreender o panorama atual de uma sociedade.

Em recente publicação no livro *Modos da Margem* encontramos uma excelente descrição dessas novas tendências na cultura brasileira:

A cena literária brasileira foi tomada de assalto por um número considerável de autores marginais que expressam o cotidiano de territórios periféricos a partir de uma escrita fortemente marcada pelo testemunho e por uma estética que podemos nomear realista, mas que pouco tem a ver com o que se codificou como realismo literário: trata-se um realismo experiencial, o que se lê são experiências vividas, mesmo e, sobretudo quando reconstruídas ficcionalmente. (FARIA, 2015, p. 20)

Falar sobre o cotidiano, sobre a periferia de uma cidade e com uma estética mais realista não é novidade na literatura brasileira. Entretanto, é preciso traçar o que essa produção cultural, que tem se desenvolvido nos campos do cinema, da música, da literatura e demais áreas artísticas, possui de especial para despertar o interesse por parte dos que a estudam e a consomem; e de que maneira ela pode impactar no modelo da imagem da cultura brasileira no exterior e até mesmo dentro do país.

Novamente encontramos a descrição de autores marginais, sem ter clareza do seu real valor. Todavia, a priori, engana-se aquele que os considera iguais aos poetas marginais da geração mimeógrafo. Algumas semelhanças, talvez, quanto à literatura marginal. Diferenças, muitas. A começar pelo fato de que esses novos artistas não recusam o rótulo de marginal, e pelo contrário, se autointitulam como que em busca de uma efetiva marca de alteridade em meio às identidades massificadas.

Outro diferencial está na voz narrativa desses novos fatos. “Os marginais abandonaram o papel de objeto retratado pelo intelectual letrado para, em seu lugar, exercer a função ativa de sujeitos donos de sua própria representação.” (FARIA, 2015, p. 20). Ninguém conhece melhor um lugar do que quem mora lá. Se culturalmente a história é escrita pelos vencedores, a mudança da perspectiva e do ponto de vista, que deixa de assumir a voz do opressor, surge como possibilidade de expandir os limites das margens, desconstruindo a imagem de cidade partida e transformando-a

em um lugar intermediário de encontro das diferenças. E, além disso, revelando que a busca pela identidade tanto vista na literatura brasileira é, na verdade, formada por identidades.

O maior problema é que, em geral, o governo patrocina o que não necessita de patrocínio. Porém, assim como a geração mimeógrafo que encontrou o caminho de não se submeter ao sistema editorial, os marginais de hoje (que desfrutam do avanço da tecnologia e comunicação a partir do final da década de 90 e o decorrer dos anos 2000) enfrentam e provam que podem conquistar seu espaço – que poderia ser bem maior através de incentivos. Nomes como o AfroReggae, MV Bill, Grupo Nós no Morro, Ferréz, Sérgio Vaz, Sacolinha, Paulo Lins, aos poucos, já obtiveram reconhecimento, inclusive no exterior. Marginais em características territoriais, sociais ou econômicas em um sistema, mas que desafiam as dificuldades e mostram sua arte, formada pelo universo da violência, por variações linguísticas, enfim, de todos os elementos genuínos de toda a sociedade. Marginais, excluídos, periféricos, suburbanos, subalternos – não importa o termo – provam que o estereótipo formado há décadas nem sempre é aplicável. Eles estão presentes no panorama cultural brasileiro, e não devem ser negligenciados.

E é esse posicionamento de enfrentamento que provocou o interesse dos intelectuais. A relação entre as classes sociais no Brasil tem mudado nos últimos anos. Até então, a marca da cultura brasileira, sua autoimagem e também a imagem no exterior são definitivamente reconhecidas como malandra. E a cultura nada mais é do que o reflexo do seu povo. Ao estudar o processo de formação social brasileiro, Antônio Cândido em seu texto crítico *Dialética da Marginalidade*, expõe que a figura do malandro é a que mais se assemelha à sociedade daquela época. O malandro seria aquele que transita entre os hemisférios da ordem e da desordem. Seria:

[...] homem de muitas faces e discursos, cujo gingado compete com sua habilidade em tirar vantagem nas mais diversas, e adversas, situações. Esse modo especial de negociar diferenças permite a coexistência de diversos códigos dentro do mesmo espaço social, evitando – dessa maneira – o surgimento de conflitos sociais ou, pelo menos, tornando-os mais prontamente controláveis. (ROCHA, 2006, p. 33)

Se compararmos as posturas do malandro e do marginal, ocorre um conflito de ideais em certos pontos. Enquanto o malandro representa aquele que evita conflitos e busca benefícios nas situações, o marginal tem como princípio a “superação das desigualdades sociais através do confronto direto em vez da conciliação, através da exposição da violência em vez de sua ocultação.” (ROCHA, 2006, p. 36). O marginal seria aquele que, na verdade, traz à tona as diferenças, que caracterizam as várias identidades da sociedade.

A partir desse embate, surgiram estudos que propõem que a dialética do malandro proposta por Cândido hoje estaria em um processo de transição, ou substituição, ou até mesmo, que esteja existindo paralelamente à dialética da marginalidade – expressão que nomeia até então esse novo fenômeno que surgiu na cultura brasileira, proposto por João Cézar de Castro Rocha.

Como se pôde perceber, ao longo do desenvolvimento deste artigo, o objetivo aqui não foi o de verificar os acertos ou falhas dessas definições, propostas ou hipóteses mencionadas, e sim registrar e confirmar a multiplicidade da cultura brasileira. Nem mesmo se propôs, no percurso textual, concluir, fechar a discussão sobre a abrangência do uso do termo “marginal” em suas instâncias polêmicas, mas não menos ricas. A natureza da arte é misturar-se, promover, no âmbito da cultura, a manifestação de identidades, na imensa gama de diversidade que configura o quadro cultural brasileiro.

Conclusão

Refletindo sobre a geração de 70 e as novas tendências culturais que estão contribuindo na formação das identidades da cultura brasileira, inicialmente, a principal ideia que pode ser formada é de que marginalidade significa simplesmente uma questão de posicionamento do cidadão diante das leis e normas sociais. Entretanto, ela representa mais do que um aspecto de subversão às leis ou normas, mas subversão de um sistema cultural (e, conseqüente e inevitavelmente, político). A grande conquista desses movimentos é a possibilidade de proporcionar voz a grupos minoritários, ao contrário do sentimento de submissão que há tanto tempo caracteriza nossas artes. O problema da desigualdade não se resolve de imediato, entretanto, um espaço de convívio das diferenças pode ser conquistado. O avanço da tecnologia

contribui cada vez mais para o estreitamento desses espaços, e mais do que isso, para a superação dos limites.

Referências bibliográficas

CÂNDIDO, Antônio. Dialética da Malandragem. In: _____. *O discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 19-53.

CHACAL. *Belvedere*: [1971-2007]. São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. (Coleção Ás de colete, 18).

FARIA, Alexandre; PENNA, João Camilo e PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. (Org.) *Modos da Margem*: Figurações da marginalidade na literatura brasileira. 1 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

HABERT, Nadine. *A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios, 222).

HOLLADA, Heloisa Buarque de. *26 poetas hoje*: antologia. 6 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. E-book.

_____. *Impressões de viagem*: CPC, vanguarda e desbunde/89: 1960/70. 5 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

MATTOSO, Glauco. *O que é poesia marginal*. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ROCHA, João César de Castro. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: “a dialética da marginalidade”. *Letras*. Universidade Federal de Santa Maria, n.32, p.23-70, Jun 2006. Ética e Cordialidade.

_____. Entrevista concedida a Claudiney Ferreira. Itaú Cultural, jul. 2007.

Disponível em:

< <https://www.youtube.com/watch?v=pl812JHpMFU> > Acesso em: 28 de novembro de 2015.